

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

123

INSCRIÇÕES 523-526



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA
2014

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado *VBI ERAT LVPA*, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



PENDENTE COM CRÍSMON E INSCRIÇÃO

Num nível de ocupação alto-medieval foi exumado, a 4 de Agosto de 2014, no decorrer das escavações que, sob orientação de Sá Coixão, se estavam a realizar no *vicus* romano do Vale do Mouro (freguesia da Coriscada, concelho de Meda), um pendente que tem estampado no anverso o crísmon e, no reverso, a seguinte epígrafe:

VTE/RE · FEL/EX [*sic*]
Usa feliz!

Dimensões: 3,50 cm no sentido longitudinal (incluindo a pega), 2,50 cm de diâmetro; a circunferência interior tem o diâmetro de 1,50 cm.

Altura das letras: 0,3/0,4 cm (sendo mais pequeno o E da l. 1 = 0,2).

É de osso, provavelmente de chifre de touro bravo,¹

¹ Esta informação foi-nos fornecida pelo senhor Arquitecto Paulo Vaz Simão, de Mêda, entusiasta pelo património e arqueologia da sua terra e pela senhora Doutora Catarina Vaz de Carvalho, veterinária do Município de Mêda. Foi-nos inclusivamente entregue uma ponta de chifre de touro bravo, de textura negra, semelhante à do pendente. Essa ponta de chifre foi entregue ao arqueólogo luso-francês a trabalhar em Lyon – França, Dr. Tony Silvino, elemento da equi-

de cor negra, praticamente intacto, apenas com uma falha na superfície do anverso, do lado direito. A falha na parte inferior, em forma de triângulo, é propositada, e efectuada com o objectivo de dar um aspecto mais decorativo ao pendente.

A decoração e a epígrafe foram obtidas por incisão, com estilete metálico, em ambas as faces (anverso e reverso). A inscrição do anverso apresenta, no interior de uma circunferência e de linhas divididas por traços horizontais paralelos, letras gravadas ocupando o espaço disponível, sem obediência à ortografia, pois separa a sílaba LEX. É de salientar: a ‘espessura’ dos vértices, triangulares; o F grafado à maneira cursiva; o R feito a partir do P, com a perna oblíqua breve. Na coroa circular das duas circunferências concêntricas, há, regularmente distribuídos, 27 pontos, no anverso; 26 no reverso. O *punctus distinguens* da epígrafe é idêntico a esses pontos da coroa. No crísmon apenas há a notar o facto de a curvatura superior do P fechar abaixo do vértice.

O crísmon, anagrama de letras gregas maiúsculas, que se desdobra em XPISTOS (Cristo), denuncia a época paleocristã (os achados arqueológicos apontam para um período que vai do século V ao IX) e não é novidade nestas paragens: foi estampado no fundo de uma pequena taça de cerâmica cinzenta exumada no sítio arqueológico do Prazo (freguesia de Freixo de Numão, concelho de Vila Nova de Foz Côa), e da basílica martirial paleocristã da Quinta da Ervamoira (Muxagata, também no concelho de Vila Nova de Foz Côa) procede uma *tegula* que traz o crísmon gravado.²

pa responsável pelas escavações arqueológicas daquele sítio em Coriscada – Meda, que a fará chegar, juntamente com o pendente, a especialista na matéria.

² Assinale-se que, atendendo ao seu significado, foi esse ‘desenho’ adoptado como logótipo do Museu de Ervamoira. As informações acerca destes dois achados constam nas páginas 20 e 21, respectivamente, do livro *Simbologias do Sagrado ao Profano: Uma viagem por terras de Foz Côa*, da autoria de ANTÓNIO SÁ COIXÃO, ANTÓNIO A. R. TRABALHO E SANDRA M. EUZÉBIO NALDINHO, editado pela Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, em Maio de 2014.

Quanto à expressão *utere felix* – aqui grafada *utere felex*, a denunciar um reflexo da linguagem falada –, é assaz frequente no mundo romano e, depois, como aqui acontece, no horizonte cultural paleocristão. Comum em mosaicos e em objectos de certa valia próprios para oferta, tanto de cerâmica fina como de metais preciosos, não é invulgar que se exprima unicamente pelas siglas V · F, como é o caso de anéis.³ Formula o desejo de felicidade para o seu utilizador.

ANTÓNIO SÁ COIXÃO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

³ Em <http://eda-bea.es/>, uma pesquisa pela expressão *utere felix* traz à colação doze exemplos peninsulares em suportes vários e em diversos contextos epigráficos. Há, por exemplo, na exposição da Sala dos Tesouros do Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, alguns exemplares de anéis com as iniciais V · F, entre os quais poderá citar-se, a título de exemplo, o que procede do chamado «tesouro da Borrallheira» (Teixoso, Covilhã): HELENO (Manuel), «O tesouro da Borrallheira (Teixoso)», *O Arqueólogo Português*, n. s., 2, 1953, p. 215, fig. 2 – nº 4, que traz VTF.



526